

**A TRAJETÓRIA DE ANÍSIO TEIXEIRA ENTRE 1935 E 1946:
UMA HISTÓRIA CONTADA PELA SUA CORRESPONDÊNCIA COM MONTEIRO LOBATO E
FERNANDO DE AZEVEDO**

Sérgio César da FONSECA

Resumo: O intuito do presente texto é destacar na trajetória de Anísio Teixeira ciclos que permitem observar momentos, idéias e fases de sua biografia. Para tanto, vale observar que a idéia de ciclos não se refere apenas a uma forma de delimitação biográfica da vida de Anísio, pois visa colocar em perspectiva o modo de constituição do pensamento e das posições desse educador. Desse modo, a sua correspondência com Fernando de Azevedo e Monteiro Lobato é tomada como produção que atravessa diferentes fases de sua trajetória, permitindo observar o quanto suas posturas e convicções se preservam ou são alteradas ao longo do tempo, em especial durante o período em que esteve afastado da vida pública entre 1936 e 1946.

Palavras-chave: Anísio Teixeira; Correspondência; Trajetória.

Abstract: The purpose of the present text is to emphasize in Anísio Teixeira's career, cycles that permit to observe moments, ideas and phases of his biography. For that, it is valid to observe that the idea of cycles is not related only to a way of bibliographical delimitation of Anísio's life, for it aims to put in a perspective the way of formation of this educationalist's thoughts and positions. Thus, his correspondence with Fernando de Azevedo and Monteiro Lobato is taken as a production that crosses different phases of his career, permitting us to observe how his posture and convictions are preserved or altered over the time, especially during the period he was apart of the public life between 1936 and 1946.

Key words: Anísio Teixeira; Correspondence; Career.

Introdução

O fato de contemplar-se neste artigo um aspecto da obra de Anísio Teixeira, sobretudo uma dimensão pouco abordada na historiografia da educação brasileira a respeito desse educador, requer de início reconhecer, ainda que de modo breve, a sua posição no cenário educacional do país num espaço de tempo que abrange o período de 1930 a 1960. Dito de maneira mais precisa, tal indicação de tempo se justifica por duas razões, sendo a primeira relativa ao auge do chamado movimento escolanovista brasileiro, que se localiza nessa mesma

época, e a segunda correspondente ao fato de ser este um tempo em que Anísio se projeta como expoente do discurso desse movimento ao passo que também se nota sua marcante participação na administração da educação pública em órgãos do Estado, tanto no nível estadual, como no federal.

A respeito da primeira razão, importa observar que autores como Marta Maria Chagas¹ e Carlos Roberto Jamil Cury² sustentam que o movimento escolanovista no Brasil teria adquirido considerável projeção na esfera pública a partir da década de 1930, principalmente, nos debates acontecidos na Associação Brasileira de Educação (ABE), nas discussões que permearam a elaboração da Constituição de 1934 e por meio do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. Na perspectiva de alguns estudos mais recentes, como os de Helena Bomeny³, Marcus Vinícius da Cunha⁴ e Pedro Pagni⁵ essas seriam algumas das realizações em que teriam se envolvido os educadores reconhecidos tanto como elaboradores e também como expoentes das teses e propostas desse movimento, entre os quais se projetaram nomes como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Segundo tais estudiosos as atividades em que estiveram envolvidos tais nomes evidenciam o quanto algumas propostas desse movimento adquirem consistência a partir das contribuições de cada um deles. A este respeito pode-se afirmar que os escritos, as atividades e os pronunciamentos de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, por exemplo, permitem observar que, a despeito de suas diferenças teóricas e de perspectiva, cada um deles se colocou como defensor da remodelação educacional do país em vista do desenvolvimento industrial e da urbanização, próprios da vida moderna.

Em segundo lugar, lembre-se que Anísio Teixeira participa ativamente do movimento escolanovista durante a década 1930, o que é possível pelo fato de que a tese da renovação da sociedade brasileira por meio da educação encontra-se solidamente sustentada em seus textos e nas posições assumidas publicamente. A este respeito, é preciso notar os seus esforços em elaborar uma filosofia da educação no Brasil, pois, se antes da década de 1930, diferentes correntes de pensamento compuseram núcleos de referência para a intelectualidade brasileira, como o positivismo, por exemplo, o trabalho intelectual de Anísio não deixou de oferecer bases para a construção de uma filosofia da educação no Brasil sob a perspectiva do pragmatismo de John Dewey. A construção filosófica no trabalho de Anísio incorporou às suas preocupações elucidativas a interpretação da sociedade brasileira em vista da crise da vida moderna, ao passo que voltou suas críticas à escola tradicional e apresentou um projeto de reconstrução nacional pela via da educação escolar.

Se estas são as bases do pensamento de Anísio, no plano da prática há toda a obra de reforma educacional realizada na cidade do Rio de Janeiro entre 1931 e 1935, uma vez que Anísio ocupou neste período os cargos de Diretor da Instrução Pública e Secretário da Educação, respectivamente. Essa obra foi empreendida em meio às necessidades de

implantação de um sistema escolar público e sob as críticas e embates com os adversários, em sua maior parte católicos. Na condição de administrador público Anísio tinha em mente no tempo de sua gestão muito mais do que reformas pontuais, pois, não se pode esquecer que suas intenções para a educação pública são mais profundas do que simplesmente construir escolas ou organizar os currículos e disciplinas. A organização das escolas, dos seus ciclos, da distribuição da clientela, a realização de pesquisas educacionais, entre outras ações que marcaram a sua gestão, são pensadas na perspectiva de algo maior, porquanto está em questão a escola pública como instrumento de distribuição social e a educação revestida de intenções inerentes ao projeto de sociedade democrática que já o mobiliza nessa época.

Vale observar que o período durante o qual Anísio dirige a educação pública do Rio Janeiro, entre 1931 e 1935, é marcado pelos conflitos que têm de ser administrados e enfrentados por ele. Nessa época Anísio está engajado na reforma da educação pública, como afirmamos, visando inserir na escola de então práticas democráticas, além de torná-la efetivamente pública, o que a faria também democrática, segundo suas convicções. De outra parte, Anísio aparece atuando entre aqueles que se ligam ao escolanovismo brasileiro, nesse momento em pleno debate com os educadores católicos. Não por acaso, resulta desse embate com os educadores católicos e da disposição de marcar posição nas discussões sobre a educação pública que cercavam a Constituinte entre 1933 e 1934 o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, do qual ele toma parte como colaborador na redação e signatário. Porém, se a posição foi tomada em favor da renovação educacional brasileira, da escola pública e do ensino centrado nos interesses do aluno, essas teses não eram tão inéditas nas escolas do Rio de Janeiro. Conforme observa Anísio Teixeira no livro *Educação para a democracia*⁶ (originalmente publicado em 1935), várias escolas da cidade já haviam incorporado a prática do auto-governo como forma de participação dos alunos nas decisões escolares. Além disso, as reformas dirigidas por ele orientavam-se pelo interesse de desburocratizar e agilizar a administração da máquina educacional pública, como de fato o fizeram conforme demonstra Clarice Nunes⁷.

Mas o momento em que tais realizações despontam, assim como as teses sobre democracia e escola, é a época em que o primeiro governo de Getúlio Vargas começa a assumir cores autoritárias, algo mais nítido a partir de 1936. Pouco tempo antes, Anísio Teixeira enfrentou severas críticas enquanto Secretário da Educação do Distrito Federal, sobretudo durante os anos de 1934 e 1935. No geral, Anísio foi acusado em jornais e em outros pronunciamentos públicos como simpático ao comunismo por consagrados militantes católicos que haviam integrado a Liga Eleitoral Católica durante a Constituinte de 1934, como é o caso de Alceu Amoroso Lima e Everardo Backeuser. Num momento de crescente conservadorismo, Anísio afasta-se da vida pública ao pedir demissão do cargo ocupado, deixando ao prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, carta onde procura manter firme sua

crença na democracia visto que as suas “convicções democráticas” são as “mesmas que dirigiram e orientaram” todo o seu esforço “em quatro anos de trabalhos e lutas incessantes, pelo progresso educativo do Distrito Federal”⁸.

Ao deixar o cargo que ocupava, Anísio Teixeira ingressa numa fase consideravelmente longa de sua vida. O período imediatamente posterior à sua demissão da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal coincide com o Estado Novo, fato que provocou o afastamento da vida pública de vários intelectuais e ativistas políticos, como é o caso de Anísio. Em meio a um clima político pouco favorável à democracia, Anísio afasta-se da vida pública exilando-se no interior de seu próprio país. Justamente nesse fato encontra-se uma questão a ser discutida no presente artigo: durante o afastamento da vida pública Anísio Teixeira conserva suas convicções democráticas?

Essa é uma questão pertinente visto que na passagem da primeira metade da década de 1930, até a sua volta à esfera pública da educação, com os dez anos de auto-exílio no meio, as bases do pensamento educacional e político de Anísio são preservadas em meio às mudanças de cenário histórico, como se pode notar nos livros que publica nas décadas de 1950 e 1960. Certos temas permanecem presentes nas suas reflexões ao longo de sua trajetória. Nos aspectos político e educacional, há que se lembrar da democracia como uma das preocupações que preencheram o discurso e o conteúdo das idéias de Anísio em boa parte de sua vida. Acrescente-se a isso a constante intenção sua de divulgar e difundir as idéias de Dewey no Brasil por meio de traduções, conferências, artigos e comentários em vários de seus livros. Mas se há algo que se conserva no pensamento desse autor, como se pode verificar tal permanência num período em que Anísio não publica nenhum livro e nem exerce nenhuma função pública?

Para responder a tais questões levantadas, há um acervo de escritos desse educador que podem ser tomados como fonte para se investigar porque permanecem algumas convicções no conjunto das suas idéias. Assim, tem lugar nesse artigo a apreciação da sua correspondência com Fernando de Azevedo e Monteiro Lobato, pois, este procedimento visa apontar alguns elementos que permitem perceber que Anísio preserva certa essência de suas posições, como a fundamentação na filosofia de John Dewey.

Os ciclos da trajetória de Anísio Teixeira

A leitura dos intérpretes e estudiosos de Anísio Teixeira, ainda que seus textos enfoquem sob diversos aspectos a atuação e as idéias do educador, corrobora para uma tese sustentada no presente artigo de que há certos ciclos presentes no todo de sua trajetória.⁹ Esses ciclos podem ser entendidos como momentos e fases marcados pelo que seu

protagonista viveu, pensou e as posturas que teve ao longo do tempo. Entre esses tais ciclos, é possível destacar um primeiro que é o período de sua formação na Bahia até o término do curso de direito na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1920. Ainda nessa época, em 1924, começou a atuar na educação como Inspetor Geral de Ensino na Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia, tendo sido o cargo modificado e renomeado como Diretor Geral da Instrução, função exercida até 1929. Nessa época Anísio viaja pela segunda vez aos Estados Unidos para estudos¹⁰. Esse é um momento de virada em sua história, pois dessa mudança de rumo e do seu definitivo engajamento nas causas educacionais resulta uma das fases mais criativas e conflituosas de sua biografia: a gestão da educação na capital federal (Rio de Janeiro) entre 1931 e 1935.

Não por acaso, esta fase é das mais discutidas por estudiosos importantes das idéias educacionais de Anísio Teixeira, entre os quais podemos destacar Clarice Nunes¹¹, Raquel Gandini¹², Wanda Pompeu Geribello¹³, Pedro Ângelo Pagni¹⁴ e Marcus Vinícius da Cunha¹⁵. Em tais estudos têm destaque os temas relacionados à sua gestão da educação pública no Rio de Janeiro (então Distrito Federal), ao seu lugar no movimento educacional renovador nos anos 30, ao seu embate com os educadores católicos e à sua vinculação à filosofia elaborada por John Dewey, entre outros temas.

Dentro desse percurso de vida anisiano há, em especial, um momento de afastamento da vida pública que consideramos ser fundamental enquanto ensaio de outra virada de ciclo em sua trajetória. É a época em que, perseguido pelo Estado Novo, praticamente repellido da vida pública pela pressão dos adversários, Anísio Teixeira exila-se na sua cidade natal, Caetité, no interior da Bahia, trabalhando na tradução de textos de autores de língua inglesa. Dos anos de auto-exílio em diante, passando pelo trabalho na UNESCO, pela Secretaria de Educação da Bahia, até o momento quando assume o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e depois acumula a direção da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), temos a estruturação de um novo ciclo criativo de Anísio Teixeira no começo da década de 1950. Nessa passagem de ciclo é possível notar um Anísio submerso nas traduções sob encomenda da Companhia Editora Nacional até o final da década de 1930, ressurgindo para a vida pública a partir de 1946 e não deixando mais o meio intelectual da educação até ser outra vez tolhido por atos de um governo ditatorial em 1964.

Vale observar que a idéia de trajetória e de ciclos não implica necessariamente linearidade, como se a formação do intelectual da educação Anísio Teixeira fosse resultado da sucessão natural de certos feitos em determinados períodos. O problema está em captar certos processos da produção de suas idéias educacionais. Pensar numa trajetória pontuada por ciclos implica em tratar da constituição do discurso e das idéias de Anísio Teixeira colocando em evidência a definição das suas posições, crenças e convicções, sejam elas políticas,

filosóficas ou educacionais, ao longo de um período marcante da história da educação brasileira: o intervalo de 1940 a 1960.

Pensando ainda nos ciclos da trajetória anisiana há um acervo que constitui importante elenco documental para o estudo do seu legado. Para se entender tal acervo importa observar que foi característica de Anísio Teixeira a prática de se corresponder com um círculo de pessoas que lhe foram próximas em diferentes fases, ou por quase toda a sua vida, como é o caso de Fernando de Azevedo e Monteiro Lobato. As cartas enviadas e recebidas por Anísio constituem documentos interessantes por mostrarem um tipo peculiar de sujeito por detrás das suas dimensões públicas, quer fossem aquelas da condição de ocupante de cargos governamentais, de tradutor e difusor das idéias de Dewey ou de escolanovista proclamado e militante. Na correspondência produzida por ele estão presentes reflexões particulares sobre temas da vida política nacional, sobre as disputas em que se envolveu, sobre as bases de suas convicções filosófico-educacionais e, sobretudo, há certas cartas resultantes de episódios que pontuam a passagem de um ciclo a outro de sua biografia.

Antes de se chegar a um Anísio com feições intelectuais e posições mais acabadas, como é a figura do final da década de 1950 e decorrer dos anos de 1960, deve-se considerar a sua formação na vivência histórica, nos estudos e leituras, nas lutas, nos sofrimentos, nas alegrias e, sobretudo, na afirmação de certos princípios filosófico-educacionais que vão ganhando força com o correr do tempo. A respeito desses princípios há algo importante a lembrar referente à coerência como uma característica dos posicionamentos de Anísio Teixeira ao longo de sua vida, coerência não apenas no aspecto moral (que denota princípios ético-pessoais) e muito mais com um significado de clareza na colocação das teses afirmadas e na explicitação dos seus fundamentos. Há clareza também no ato de assumir e expressar a filiação a uma filosofia como idéia motora e orientadora da ação.

A coerência como característica de Anísio é aquela dada pela sua evidente apropriação da filosofia de John Dewey. Essa apropriação o fez minorar a orientação teológica que recebeu na sua formação jesuítica, quando em 1929, como aluno do Teacher's College da Columbia University, conhece e definitivamente se apega às idéias filosófico-educacionais de Dewey.¹⁶ Essa apropriação projetou-se no esforço de Anísio em ter uma filosofia educacional que orientasse a ação, como se viu em sua atuação durante a década de 1930.¹⁷ Tal coerência, vista na forma como se posicionou e como se mostrou Anísio, não se esgotou com o fim de um ou outro ciclo de sua trajetória. Pelo contrário. Passou por mudanças sim. Mas, alguns problemas cruciais estabelecidos por ele permanecem e, um deles descreve uma preocupação basilar presente em sua produção intelectual: a construção da sociedade democrática.

O problema esteve estabelecido enquanto premissa das reflexões e ações anisianas e a idéia dessa sociedade (como projeto a ser realizado) teve uma lógica que permaneceu,

pensada pela ótica deweyana, e foi enriquecida e melhor elaborada após a sua volta à atividade pública, com o cargo que iria ocupar na recém criada UNESCO a partir de 1946.

No caso da biografia de Anísio Teixeira o encadeamento dos ciclos de sua vivência pode ser reconstituído pelos assuntos e temas presentes na correspondência que produziu. Sua produção epistolar é vasta e amplo é o círculo de pessoas com as quais manteve contato por essa via. No entanto, há, dentre os diversos destinatários, alguns interlocutores importantes de Anísio Teixeira durante longo tempo e que estiveram assim presentes em muitos momentos do seu itinerário de vida. Deles podemos apontar Fernando de Azevedo e Monteiro Lobato¹⁸, com os quais Anísio estabeleceu uma interlocução que envolvia tanto os temas da vida pessoal como aqueles da vida pública.

Com Fernando de Azevedo a troca de cartas aconteceu durante 42 anos e com Monteiro Lobato, devido ao seu falecimento em 1948, essa prática teve lugar de 1928 até 1947. Esses dois nomes são significativos entre aqueles com os quais Anísio se correspondeu pelo fato do longo período em que isso se deu, pela vinculação dos temas das cartas aos acontecimentos da vida pública, pelo tratamento de questões intelectuais dividindo espaço com outras de ordem afetivo/pessoal e, o mais importante, pelo relevo público dessas figuras. É claro que há outros nomes não menos significativos como Mário Casassanta, Péricles Madureira de Pinho, Lourenço Filho, Abgar Renault, além dos familiares de Anísio, como seus irmãos Jaime e Nelson.¹⁹ No entanto, a correspondência com Azevedo e Lobato atravessa ciclos importantes da sua trajetória tendo início com os primeiros encantos com as idéias de Dewey, em fins de 1928 e 1929, encontrando-o na administração da educação pública no Rio de Janeiro entre 1931 e 1935, mantendo-se durante o seu expurgo da vida pública, e chegando até a sua volta à órgãos públicos da educação em 1947, no governo do Estado da Bahia. Com Fernando de Azevedo a correspondência ainda alcança o ingresso de Anísio na esfera educacional federal no INEP, CAPES e CBPE, a criação da Universidade de Brasília, o segundo afastamento da vida pública com o golpe militar de 1964, a pretensão a uma cadeira da Academia Brasileira de Letras e o falecimento de Anísio em 1971.

As cartas de Anísio a Lobato e Fernando de Azevedo, ora mais, ora menos implicitamente, apresentam aquilo que foi a grande preocupação de seu autor: a democracia. Em torno dessa premissa há uma série de questões que a secundam. Secundam, mas não deixam de estar ligadas ao problema da construção da sociedade democrática. No entanto, são perguntas que se apresentam subsumidas nos assuntos das correspondências. Não que Anísio tenha perguntado a todo tempo e abertamente sobre o que fazer para que a democracia pudesse ser aprendida, se era válido o papel da escola para o aprendizado democrático, se o homem brasileiro estava preparado para viver democraticamente. Essas interrogações desfilaram nas confissões de Anísio, na exposição das suas ações, na afirmação de suas convicções, na sua interpretação da realidade brasileira e - porque não dizer? - também

existiram dúvidas acerca da possibilidade de se construir uma sociedade democrática no Brasil; tais dúvidas estiveram presentes nas suas incertezas sobre o cenário educacional, na menção a certos insucessos das suas gestões educacionais e nos impasses da sociedade brasileira.

A ocorrência desses questionamentos e avaliações coloca uma outra característica do conteúdo das cartas de Anísio que não apenas de ordem pessoal, particular, confessional e afetiva. Isto porque é o intelectual da educação que também se coloca em interlocução com dois de seus pares que, não por acaso, são pessoas que pensam, avaliam e participam de assuntos públicos (em grande parte, mas não apenas, educacionais) da vida nacional brasileira. Daí estarem presentes nas linhas de várias cartas de Anísio, fossem endereçadas a Monteiro Lobato ou a Fernando de Azevedo, assuntos que põem em destaque certas questões relacionadas às suas preocupações e esforços em responder ao problema que estabeleceu e se tornou uma constante ao longo de sua trajetória: a construção da sociedade democrática por meio da educação no Brasil.

Ao passo que se vêem por um ângulo particular (oferecido pela sua correspondência pessoal) os momentos da constituição e afirmação de Anísio como pensador e realizador educacional, também estão delineadas as pistas desse problema anisiano que permaneceu como fundamento de seus discursos e reflexões atravessando os ciclos de sua trajetória. Isso é importante por apontar que, embora estejamos indicando que existem ciclos que vão se sobrepondo durante o seu itinerário de vida, permanece a grande questão da vida de Anísio: a sociedade democrática. Os ciclos de sua trajetória acontecem porque são fases que se mostram na formação do intelectual, na sua projeção na vida pública, nos temas incorporados aos seus escritos publicados e no aprofundamento e complexidade crescente das suas reflexões.

São crescentes e aprofundadas reflexões visto que, desde as suas primeiras cartas trocadas com Lobato e Fernando de Azevedo no final da década de 1930, Anísio é um jovem se afirmando como educador e ainda em busca de uma filosofia inspiradora e guia das ações educacionais. Sim, é fato que em 1929 Anísio já conhecia Dewey. Mas esse ainda é um tempo de assimilação da filosofia educacional deweyana que mais tarde vai ser pressuposto fundamental dos esforços de Anísio em fundar uma filosofia da educação no ambiente educacional brasileiro - isto na década de 1930, quando ocupa a direção da educação do Distrito Federal.

A aproximação e o primeiro mergulho de Anísio na filosofia educacional de Dewey, nesse primeiro momento do final da década de 1920, são catalisadores de uma guinada nas suas convicções fundamentadas na formação religiosa que recebeu. O contato e a adoção das idéias deweyanas acontecem num momento em que Anísio está resolvendo a sua crise com relação ao modo de conceber homem e mundo pela ótica de sua educação jesuítica. Anos

mais tarde, em 1960, numa das suas cartas a Fernando de Azevedo, Anísio reconhece a importância desse período:

Telefonei ao Agostini [Eduardo Bastos] para me valer da sua memória, a fim de recordar o dia do nosso primeiro encontro – recém-vindo eu dos Estados Unidos e da Columbia University e V. em pleno vó da reforma educacional do D.F. – para, como diz, e eu confirmo de todo o coração, o “começo de uma amizade que não teve nem sofrerá desfalecimentos”. Não conseguimos localizar o dia – mas, quanto ao mês, deve ter sido em fins de junho ou começo de julho e o ano foi o de 1929 e não 1928, como V. julgava. Fiz no T.C. da Col. Univ. o ano regular de 28/29, graduando-me nos últimos dias de maio. Viajei para o Rio, pouco depois. Esse foi um período extraordinariamente significativo em minha vida, que se iniciou com o conhecimento de Lobato e se encerra com o encontro com V. no Rio, entre junho de 28 e junho de 29. Tenho a impressão que foi nesse ano que me encontrei comigo mesmo. O ano de estudos na Col. Univ., a descoberta de J. Dewey, a revisão (ou conversão?) filosófica, e as grandes amizades intelectuais – Lobato, Fernando, Lourenço, Afrânio [Júlio Afrânio Peixoto] e quantos e quantos outros...²⁰

Esse abalo em suas concepções de juventude, que se vai diluindo quando seu protagonista assume a condição de educador, é exemplar por mostrar que há permanências presentes nos ciclos da trajetória anisiana. Permanências estas descritas pelo amadurecimento intelectual em constante processo, primeiro com as leituras de John Dewey, depois com a constituição de um discurso educacional fundamentado nas idéias desse filósofo da educação, nas passagens pelas administrações da educação pública em instâncias estaduais e federais, no engajamento nos movimentos educacionais das décadas de 1930 e 1960, nos seus escritos/discursos e na sua correspondência, dentre outros elementos que dão os contornos da sua vida pública. Permanece essa coerência nas teses anisianas que associam estreitamente educação e democracia, que postulam a presença dos valores democráticos no ambiente escolar e que exaltam e difundem a filosofia educacional de Dewey.

A resolução dos conflitos das suas crenças e convicções, as crises diante de impasses da vida pública, os esforços em elaborar suportes para uma filosofia educacional orientadora da ação, enfim, dizem muito de que os ciclos da trajetória anisiana desenham uma biografia pontuada pela vivência visceral de fatos e idéias retratados em suas cartas a Lobato e Azevedo. Coloca-se ao lado dessa vivência visceral o processo de amadurecimento intelectual de Anísio, fato que aponta o modo pelo qual se colocava na correspondência, visto que “ele escreveu o que viveu”.²¹ É um aprendizado pelas leituras e pela vivência. Daí valer a pena lembrar que, embora Anísio tenha trazido a filosofia da educação de Dewey para o cenário brasileiro, suas teses são constituídas também a partir de suas experiências, das suas

avaliações da conjuntura, dos debates de que participou, enfim, de tudo aquilo resultante da sua posição de pensador e realizador. Sendo realizador e sujeito pensante, não há como deixar de ver Anísio Teixeira enquanto intelectual da educação. Sendo intelectual da educação os ciclos da sua trajetória são relevantes por indicarem os momentos de seu amadurecimento, de interregnos lacunares em sua biografia e fases de afirmação e projeção.

Os ciclos se alternam, assim como os contextos históricos, políticos e educacionais, pano de fundo da biografia de Anísio, transcorrem, sem que, no entanto, algumas características suas deixem de permanecer em essência: o sustento e a explicitação da filosofia educacional de Dewey de um lado e, de outro, o estreitamento entre idéias e experiência na elaboração de seu discurso, bem como de seus textos. No caso da filosofia de Dewey, esta foi para Anísio base fundamental da qual emanaram muitas das suas importantes reflexões e teses educacionais que forneceram inspiração para sua ações e, sobretudo, foram uma “plataforma de onde partir”²², como reconheceu em carta de 1945 a Monteiro Lobato, afirmando sua fundamentação nas idéias deste pensador norte americano.

Um ciclo particular da trajetória de Anísio Teixeira e a correspondência com Monteiro Lobato e Fernando de Azevedo

Tendo em vista a atividade epistolar como uma constante na vida de Anísio Teixeira, em vigor ao longo da sua trajetória, o conteúdo de cartas dirigidas a Fernando de Azevedo e Monteiro Lobato expressa certas revelações de seu autor diante de fatos e vivências. Nas linhas de suas cartas, Anísio é um sujeito em catarse quando escreve aos amigos. No entanto, isso não mostra apenas um autor absorvido pelo que está contando ao outro, mas evidencia também toda a elaboração racional do texto apresentando ao receptor o envolvimento visceral com o que o narrador vive e experimenta aquilo que é relatado.

A este respeito suas cartas são verdadeiro diário de suas realizações e da sua atuação. É claro que a dimensão de Anísio em questão é muito mais interior e escondida se confrontada com a figura pública que se tornou por conta do que fez e escreveu. No entanto, algumas questões que moveram seu autor em boa parte da vida estão presentes nessas cartas trocadas com Azevedo e Lobato, sejam aquelas às quais Anísio direcionou suas reflexões, leituras e idéias, com destaque para os meios para a construção de uma sociedade democrática no Brasil, sejam as de cunho histórico-biográfico, como a avaliação dos momentos de afastamento forçado da vida pública. As questões que permeiam a correspondência de Anísio com esses dois interlocutores compõem uma crônica da sua trajetória intelectual, administrativa e educacional.

Sendo a composição geral da correspondência de Anísio pontuada por aspectos da sua atuação pública, postos ao lado de fatos e apreciações do âmbito particular de sua vida, pode-se destacar certos temas presentes nesse material que se identificam, direta ou indiretamente, com as fases de sua trajetória. Há certas passagens, senão cartas inteiras, que, pelas apreciações de seu autor, assim como pela sua cronologia, são indicativas de momentos de transição, recuo, ceticismo, avaliação e retomada de ânimo. Em torno desses estados em que se mostra Anísio para os seus interlocutores, é possível indicar grupos de cartas que podem pontuar a produção de sua correspondência com Lobato e Azevedo ao longo das fases, anteriormente apontadas, de sua trajetória. Há grupos de cartas pertencentes a certos ciclos da trajetória anisiana em torno de momentos ou fases que tem início com os primeiros contatos de seu autor com Azevedo e Lobato no final da década de 1920, passam pela sua gestão da educação no Distrito Federal (então Rio de Janeiro) de 1931 a 1936, acompanham seu período de afastamento da vida pública entre 1935 e 1946, mostram sua militância e projeção no cenário intelectual e educacional de 1947 a 1964 e alcançam os anos do segundo afastamento da vida pública (com o golpe militar) até a sua morte em 1971.

Os temas dessa correspondência com Lobato e Azevedo vão descrever as preocupações de Anísio com a educação escolar, as interferências dos interesses privados na esfera pública, a afirmação de pressupostos da filosofia de Dewey em seus pontos de vista, os embates vividos no campo político e educacional, as dificuldades de suas gestões na administração educacional, suas preocupações com a ciência e a filosofia da educação, além, é claro, das questões familiares e afetivas. Embora uma gama abrangente de temas esteja em questão nas cartas de Anísio, há certas características preservadas ao longo do tempo como a sua erudição, a fundamentação de seus pontos de vista nos pressupostos da filosofia deweyana, a reflexão sobre as experiências vividas e o estreitamento entre o que faz e o que pensa o seu autor.

Junto desses traços constituintes das cartas de Anísio, há que se lembrar que o pano de fundo de sua elaboração é toda a contextura histórica, política, intelectual e educacional sobre a qual é construída a sua trajetória. Em Anísio, o fazer e o pensar estão entrelaçados, visto que a construção racional do discurso nas cartas contempla o peso dos fatos e do contexto. Desse modo, como afirma Clarice Nunes²³, Anísio escreve o que vive. Mas, é importante salientar que escrever sobre o vivido, no caso de Anísio, diz respeito ao quanto vida e pensamento produzem as ações e as idéias num movimento sem estranhamento entre uma e outra instância. Anísio vive o que pensa e pensa o que vive em sua correspondência com Lobato e Azevedo.

A este respeito as questões públicas e privadas vão estar dispostas no texto das cartas; questões estas tratadas e referidas aos fatos da trajetória de Anísio, como no caso de uma carta enviada a Fernando de Azevedo em 1936, pouco tempo depois de Anísio ter

deixado a Secretaria de Educação do Distrito Federal sob a perseguição dos adversários. Nessa carta Anísio revela haver recebido um convite para trabalhar no recém-criado, sob a batuta de Fernando de Azevedo, Departamento de Cultura de São Paulo:

[...] Assim, embora disposto a vencer o pudor natural de me entregar a trabalho de certo modo distante de minhas preocupações essenciais de educação, julguei que, em momento tão incerto da vida brasileira e de minha própria vida, não deveria aceitar um cargo de que não me pudesse afastar em qualquer momento sem quebra, sobretudo, dos compromissos morais que a própria natureza do trabalho determinaria [...]²⁴

Essa carta foi escrita em resposta ao convite feito a Anísio num momento imediatamente após a sua conturbada saída da Secretaria de Educação do Distrito Federal em dezembro de 1935. Até o momento dessa carta, transcorreram importantes ciclos da trajetória de Anísio, desde a sua volta dos Estados Unidos, já influenciado decisivamente pela filosofia de Dewey, passando pela sua participação no Manifesto de 1932 e nos embates com os educadores católicos na Constituinte de 1934, até a sua administração da educação pública do Distrito Federal entre 1931 e 1935.

Ao tratar do convite e indicar a sua conturbação pessoal dentro das atribuições maiores do país, Anísio dá mostras de que as questões públicas e privadas se entrelaçam em seu texto. Isto não quer dizer que haja uma confusão dos campos. Pelo contrário. Há esse entrelaçamento porque Anísio é um intelectual da educação com uma vida pública já reconhecida até esse momento, que, em suas cartas a Azevedo e Lobato apresenta-se como amigo e sujeito buscando os seus interlocutores. Esta interlocução acontece motivada pela amizade, pelas afinidades intelectuais, pela militância comum e por compartilharem projetos de modernidade para o Brasil com certas aproximações entre si. Sendo um intelectual, Anísio põe em exame nas suas cartas tanto a sua vivência, quanto os assuntos da esfera nacional. A construção racional do discurso das cartas na forma de reflexões, pressupostos teóricos assumidos e teses defendidas divide espaço com as impressões pessoais, notícias familiares e confidências íntimas. No entanto, isto não é sinal de alguma confusão mental, pois o que se mostra é o intelectual falando a partir de sua vida privada, Intelectual porque Anísio é cabeça pensante buscando intervir na vida social.

Diante das questões públicas Anísio se colocou como intelectual formado pela filosofia de Dewey, não só na sua vertente educacional, mas, também, na sua vertente política, haja vista a perspectiva de construir uma sociedade efetivamente democrática no Brasil. A democracia é um dos pressupostos fundamentais do pensamento e da ação de Anísio Teixeira. Mas, quando dirige essa carta a Fernando de Azevedo, a 24 de fevereiro de 1936, momento

tão incerto da vida brasileira”, tem como cenário político a proximidade do Estado Novo em 1937. E de momento tão incerto de sua própria vida porque deixara havia pouco a Secretaria de Educação do Distrito Federal pressionado pelos ataques constantes dos adversários que já o acusavam de comunista e conspirador.²⁵

O momento entre a sua saída da vida pública e a articulação do Estado Novo forma o contexto em que Anísio recusa o convite que o levaria novamente a ocupar um cargo público. Dessa etapa em diante as cartas vão retratar a solidão do intelectual distante dos debates públicos do cenário educacional brasileiro.

Sobre as questões públicas e pessoais que moveram Anísio e estão relatadas em sua correspondência, há que se destacar o momento de isolamento marcante de sua vida: o período entre 1936 a 1946. Dentro de sua trajetória esta é uma fase situada entre o fervor das realizações e dos debates em que esteve envolvido na década de 1930 e o seu retorno à vida pública brasileira em 1947. No meio desses dois momentos, está o seu distanciamento dos debates e da vida pensante educacional brasileira, assim como de qualquer cargo público.

Em carta a Monteiro Lobato, escrita em torno de 1936, Anísio se mostra ruminando a solidão em meio ao isolamento:

No fundo deste sertão, o silêncio e o deserto nos tornam humildes e pequenos. Ainda, hoje, neste Domingo – estou só, absolutamente só, há quatro semanas, em uma deserta fazenda – eu andei por veredas sem fim a não ouvir outro ruído senão os de pássaros, o que não é um ruído... E à medida que me afundava em contemplações, sem princípio nem fim, que esses silêncios e essas extensões nos diluem o espírito até às raias de um estado quase gasoso, fui-me dirigindo para casa e direto sobre a sua carta, que reli pela centésima vez...²⁶

Afastado da vida pública, silenciado pelos opositores e atacado em suas idéias e realizações, Anísio não vislumbrava, nessa época, possibilidades de continuar a defender publicamente suas convicções:

Deve ter sido um momento como o nosso de hoje que aqueles homens melhores da Idade Média se meteram a fundar conventos. Não havia nada mais a fazer. Hoje não podemos fundar conventos, mas, pelo menos, escrevamos para as crianças. É uma forma de retiro, uma forma de refúgio, e retiro e refúgio em que somos úteis...²⁷

O refúgio nos textos escritos para crianças lembrado por Anísio é o caminho de um Monteiro Lobato cético com a aceitação de seus projetos de modernização nacional. Anísio até pensa que talvez pudesse ser esse o seu abrigo. Mas... “uma das minhas grandes humilhações está em não me ser possível o mesmo.”²⁸

Mesmo com o auto-exílio de Anísio no interior da Bahia, a sua atividade intelectual ainda permanece ativa em torno das traduções que faz sob encomenda:

[...] Meti-me nas traduções. Mas, nem isso. O meu portuguezinho é uma gaiola de passarinho para o grande inglês livre e ágil dos meus autores. Terminei o Wells – o *Outline* – e a impressão que tive, ao terminar, foi a de ter roubado o leitor. Aquele livro iria ser traduzido por você. Não calcula o arrependimento de não o ter deixado em suas mãos!... Às vezes, sonho que você o poderia corrigir. Mas corrigir é pior do que traduzir... E o livro é uma tal visão global do mundo, uma tão estimulante apresentação do drama humano, que só você, entre nós, a deveria representar, em português, aos nossos brasileiros. Não, traduzir é tão arte quanto escrever, e só escritores o devem fazer. E eu, positivamente, não sou escritor... Já não animarei o nosso Octales a me entregar obras desse feito. Vou resumir-me a traduções em que o lado técnico prepondera e, assim, eu me sinta justificado [...]"²⁹

No início, esta atividade proverá Anísio materialmente, como esclarece carta de 1936 a Fernando de Azevedo:

Vou assim escrever ao dr. Paulo Duarte agradecendo-lhe a espontaneidade cativante do seu convite [para trabalhar no Departamento de Cultura da cidade de São Paulo], que só declino por motivos de ordem pessoal. Isso porém, não me impedirá de me fixar, por enquanto, em S. Paulo, para tentar ganhar a vida embora com trabalho particular. O nosso bom Octales promete prover-me do necessário para cobrir um mínimo mensal de despesas.³⁰

O “trabalho particular” de Anísio seriam logo depois as traduções encomendadas pela Companhia Editora Nacional, de Octales Marcondes Ferreira. O envolvimento com as traduções teve lugar na atividade de Anísio até 1938, quando por força de proibições impostas por órgãos de censura do Estado Novo, esse trabalho também teve fim.³¹ No entanto, as leituras continuaram a ser assunto constante de diversas cartas desse período. Seja para discutir temas tratados em obras lidas ou para elogiar ou criticar certos autores, a leitura é das poucas atividades intelectuais ainda presentes nos afazeres de Anísio, que, cada vez mais, por força de estar afastado da vida pública, se volta para os afazeres privados. É importante observar que Dewey continua sendo uma leitura constante de Anísio nos anos de afastamento. Entre as traduções das obras de Alfred Adler e H. G. Wells e as leituras de Bertrand Russel, John Dewey e Monteiro Lobato,³² Anísio vai preservando suas inclinações e simpatias teóricas. A leitura e as traduções são dos poucos trabalhos intelectuais em que Anísio pode concentrar sua atividade pensante.

Na trajetória deste educador, até 1935 ficou evidente sua preocupação, enquanto sujeito pensante, em construir no Brasil uma filosofia da educação para ser norteadora das ações no campo educacional. Anísio produziu textos, - como *Pequena introdução à filosofia da educação*, de 1932, - proferiu conferências e palestras, fez discursos, escreveu artigos e um livro, *Educação para a democracia*, de 1936, com relatos e avaliações dos resultados da sua gestão na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Além das realizações educacionais, Anísio se colocou como elaborador de um discurso educacional e o fez pensando na reconstrução brasileira e, porque não dizer?, da sociedade por meio da escola. Na condição de intelectual estas frentes de atuação de Anísio Teixeira mostram sua intenção de intervir na vida social, de formular idéias guia das intervenções no campo educacional e de se colocar como crítico da mentalidade conservadora que impregnava a escola e a sociedade.

Sendo essas algumas dimensões da atuação e do pensamento de Anísio, o fato é que nos anos de isolamento restam-lhe as traduções e as leituras como possibilidades de manter uma vida pensante e ativa. Pela forma como teve de sair da vida pública, no final de 1935, intensamente visado pelos críticos e adversários, o espaço de atuação para Anísio ficou fechado por dez anos, tempo esse que coincide com a vigência do Estado Novo, época em que figuras públicas e intelectuais, se não foram cooptadas pelo regime, ficaram afastados compulsoriamente da cena pública.³³ Afastado dos debates educacionais e de cargos públicos Anísio não tem a quem voltar suas idéias e nem como intervir na vida social. Estão assim impedidas duas dimensões fundamentais do intelectual Anísio Teixeira: o elaborador de idéias e projetos e o homem de intervenções no campo educacional.

No entanto, nesse tempo de afastamento, a inatividade pública vai incomodando Anísio com a pasmaceira de uma vida isolada das demandas e afazeres de outros tempos. Se até 1938 havia sido possível a Anísio manter parte de sua atividade intelectual com as traduções para a Companhia Editora Nacional, depois da proibição imposta pelo Estado Novo³⁴ e com a interrupção dos compromissos com essa editora, esse trabalho pensante fica impedido.³⁵ Nessa fase, entre 1938 e 1946, as suas cartas contêm algumas passagens reveladoras do estado de isolamento.

De forma evidente, ou não, está refletido nas cartas de Anísio a Lobato e Azevedo o momento de inflexão do Brasil sob o regime político do Estado Novo. Em uma carta de julho de 1937 a Lobato, existem referências ao policiamento intelectual e à ação, comparada à inquisição espanhola (veja-se a alusão à “pagodeira torquemadiana”) do século XV, dos críticos e detratores, todos eles católicos:

Enquanto não me chegam *The mansions of philosophy*, estou a ler o Will Durant na sua *Histoire de la civilisation*, já tradução francesa. Como os franceses estão ganhando tento! Já traduzem Nova York. É a viagem de regresso. Durant vem de extração francesa e

família católica. Mas França e catolicismo no Novo Mundo de verdade viram Durant. E nós aqui, só por falta de Drake que você imaginava, a apodrecer entre bispos e polícia... a precisar de uma *Mayflower* qualquer que nos levasse desse mundo velhíssimo e fatigadíssimo... Pobre “componente nova entre as forças da humanidade”, pobre Euclides, como foste feliz em ser assassinado antes que os Tristões, os Arlindos Vieiras e os Francas se propuseram a reeditar, no Brasil, a pagodeira torquemadiana... Mas, eles passam. “*Notre credilité*”, diz-me o Afrânio citando Voltaire, “*fait toute leur science*”. E acrescenta: “o poder deles é ilusão nossa.” Estou que é. E a prova são os 42 milheiros da *História do mundo*. E o êxito crescente dos seus livros apesar das excomunhões. Mas vivemos entre fantasmas, e os fantasmas são cousas realíssimas para os que neles acreditam. E os que neles acreditam é que estão mandando...³⁶

Em 1937 Anísio continua sufocado pelas perseguições que tiveram início no começo da década de 1930 e ainda persistem. Mas sua inquietação refere-se ao momento em que só o exílio é possível. É preciso retirar-se porque não há lugar para aqueles que sejam voz discordante. Anísio pensa num “*Mayflower*” como alguma forma de escapar do ambiente de conservadorismo, do patrulhamento ideológico e dos ranços “torquemadianos” dos seus opositores católicos como Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athaíde), Arlindo Vieira e o Padre Leonel Franca - citados nominalmente.

Apesar do tom amargo dessa carta, Anísio deposita esperanças nas obras de Monteiro Lobato, como a *História do mundo para crianças*. A atividade de Lobato e os seus livros são mostra para Anísio de que nem tudo está perdido, pois o “poder deles é ilusão”. Mesmo enaltecendo os esforços de Lobato, o clima persecutório continua lembrado pela alusão aos “fantasmas” e aos que “neles acreditam e estão mandando”. Talvez esta menção tenha a ver com as formas de perseguição do Estado Novo e de seus críticos, fundamentadas em suposições, deturpações, falseamento de fatos e criação de falsas provas, todas qualificando os acusados como conspiradores, comunistas, agitadores e ameaças à ordem vigente.

Em obras do terceiro ciclo de sua trajetória, na década de 1950, Anísio retoma avaliação parecida quando lembra do conservadorismo que impregnou o Brasil nessa época.³⁷ Na introdução de *Educação e a crise brasileira*, de 1956, Anísio Teixeira, ao tratar dos progressos que se faziam na educação nacional desde o final da década de 1920, considera que o clima do país, num tempo que coincide com o Estado Novo, esteve marcado pelo tradicionalismo:

Numa segunda fase, a reação e um confuso tradicionalismo infiltraram-se, com pertinácia e não sem êxito, trazendo para a educação resultados paradoxais. O estado de espírito defensivo, que se apoderou da sociedade brasileira, interrompeu aquele ímpeto renovador. Afrouxaram-se as suas resistências ao que,

embora aparentemente tradicional, já se mostrava à melhor consciência do país prejudicial à sua formação e ao seu progresso. Houve uma espécie de livre passe indiscriminado para tudo que fosse ou se rotulasse de tradicional e uma vigorosa hostilidade a tudo que fosse ou parecesse ser novo. E a educação – que fora sempre o setor mais sensível para a luta entre o novo e o velho – constitui-se o grande campo para a derrota do que já havia de melhor no país em resistência e espírito de renovação...³⁸

De 1937 a 1946, o isolamento é tema muito presente nas cartas de Anísio. Impedido de atuar e externar suas idéias, este educador e homem de ação está impregnado pelas marcas do exílio. Em carta a Fernando de Azevedo, de julho de 1939, Anísio relata que as traduções são dos poucos vínculos que mantém com a atividade intelectual:

O único contato que guardo com a nossa profissão de fé é o das traduções que tão pouco me satisfazem, por isso mesmo que não sou um escritor, mas antes um professor e, talvez, um homem de ação. Sinto que não sou dos que aproveitam com os longos intervalos de contemplativismo e inação. E a educação, a velha causa a que nos devotamos, vai se distanciando... outras obrigações nos absorvem... e com o tempo quase nos sentimos estranhos e alheios dentro dos problemas e necessidades da educação nacional.³⁹

As traduções cessam por inteiro em 1941, interrompendo os vínculos que ainda permaneciam de Anísio com o trabalho intelectual ativo. Em dezembro desse ano, Fernando de Azevedo é colocado a par do fato:

O desligamento, contudo, que concluí com a Editora – que era a minha pequenina ponte para o mundo de Vocês – chocou-me mais do que poderia imaginar. Ao regressar, deparei-me realmente isolado, isolamento de quem não compartilha, de quem não contribui, de quem não se sente à vontade, pois todo o contato que pudesse manter, seria um contato sem responsabilidade... Talvez esta explicação seja muito complicada, mas não posso ver de outro modo o silêncio meio constrangido que involuntariamente venho mantendo com você e com Lobato...⁴⁰

Com o fim das traduções Anísio envolve-se nas atividades comerciais da Sociedade Importadora e Exportadora Limitada (SIMEL), empresa de exploração e comércio de minérios da qual participou como sócio-proprietário.⁴¹ Sendo um homem afastado da vida pública pela perseguição dos adversários e mantido exilado em seu próprio país pelo clima de patrulhamento ideológico do Estado Novo, Anísio Teixeira não tem muitas alternativas senão tratar de assuntos privados. Silenciado desde 1936, sem publicar nem poder participar dos

debates educacionais e, sobretudo, impedido de agir, Anísio dá sinais de não ter como se manter ativo intelectualmente em meio a uma vida sem motivações. Em novembro de 1943, Anísio relata a Fernando de Azevedo:

Ando ansioso por chegar até aí, pois, a despeito do meu poder de adaptação, vou sentindo o cansaço de uma vida sem estímulos intelectuais nem contatos inspiradores. E às vezes, diante do espantoso de nossa época, apanho-me humilhado pela condescendência com que me venho habituando a viver aquém das suas tremendas responsabilidades. Quando chego a esse ponto, já sei que preciso de uma “cura” de S. Paulo...⁴²

A carta é de 1943, mas essa sensação de imobilidade diante da conjuntura e de suas “tremendas responsabilidades”, assim como o desassossego com a insípida vida pensante, persistem nas considerações de Anísio em suas cartas até 1945⁴³. É certo que o exílio quase atrofiou um homem de pensamento e ação como Anísio, contudo, uma década de inércia não solapou as bases do seu pensamento, calcadas nos pressupostos filosóficos, educacionais e políticos das idéias de John Dewey. Pelas indicações das cartas de Anísio, sua fundamentação em Dewey permaneceu em “hibernação”, como ele mesmo afirma, durante os dez anos de afastamento da vida pública.

Contrariando o que se poderia esperar, não há negação dos postulados deweyanos que preencheram as reflexões e as ações de Anísio nessa fase de exílio. Há sim um retorno ao Dewey que ofereceu uma filosofia para Anísio na construção de suas idéias:

[...] Mas a sua carta trouxe-me o desejo de voltar ao meu Dewey. E se puder voltar, isto é, se tiver forças de refazer a viagem, hei de lhe escrever sobre essa “residência da casa de meu pai”. Porque o Dewey, como Ubaldi, construiu uma “esplêndida morada”, dessas de que a gente não quer mais sair. Aliás, com Dewey não é bem uma morada, mas uma “plataforma de lançamento”, de onde a gente parte para todas as direções do quadrante do futuro... De todos os filósofos é, com efeito, o único que não quis fazer uma filosofia, mas dar-lhe o método para você fazer a *sua* filosofia...⁴⁴

Nesta carta de 26 de agosto de 1944 para Monteiro Lobato, Anísio dá mostras do lugar que ocupa Dewey em sua formação. Vê-se aqui que não ficou apenas como uma entusiasmada leitura de juventude ou como elaboração teórica que tenha embalado sua atuação político-educacional na fremente década de 1930. É esclarecedora a metáfora do filho pródigo (idem, 1986) usada para expressar sua relação com as idéias de Dewey - ainda mais nesta carta de 1944, época em que Anísio já está há quase uma década afastado da vida pública. Pensando nesta comparação, possivelmente, Anísio esteve ajustando contas com o

fato de ter-se afastado de Dewey, não apenas por não lê-lo nos últimos tempos, mas, também, pelo possível abandono do pensar o mundo e a educação tendo como referência a filosofia deweyana. Essa consideração de Anísio, numa fase de inflexão da sua vida, é interessante ao indicar a permanência do vínculo teórico-filosófico com Dewey, - vínculo este que atravessa e permanece nos sucessivos ciclos da trajetória anisiana.

Permanece esse vínculo nessa fase de exílio da vida pública e vai aflorar novamente com o seu retorno ao campo político-educacional. Isolado durante dez anos Anísio não negou as “raízes” deweyanas que formaram seu discurso educacional. Na nota explicativa que abre o livro *Educação e a crise brasileira*, de 1956, Anísio afirma continuar coerente com a filosofia democrática que sustenta seu projeto de reconstrução educacional brasileira.⁴⁵ Neste mesmo texto Anísio lembra ter sido possível retomar as teses da década de 1930 com a redemocratização do Brasil após o Estado Novo (TEIXEIRA, 1956). O fato é que durante esse tempo de isolamento Anísio esteve retraído política e publicamente, mas, em meio à provações do auto-exílio, manteve preservado o núcleo de suas idéias e, tal como uma espiral retraída por longo tempo, com o retorno à vida pública pode deixar esse estado de “retração” e retomar a militância intelectual.

Conclusões

Acompanhar a cronologia das cartas de Anísio Teixeira é dos primeiros pontos reveladores do quanto parte da sua biografia também pode ser reconstituída pelo conteúdo presente na sua correspondência. Em se tratando de sua trajetória, o encadeamento temporal da sua correspondência evidencia como as dimensões do homem, do educador, do empreendedor e do intelectual estiveram se colocando diante das idéias que defendeu e difundiu, das polêmicas em que se envolveu, dos cargos que ocupou, enfim, mostram as considerações e as posições de seu autor durante sua vida. As reflexões feitas, as idéias que alicerçam o ato de assumir algo e se mostrar de uma tal forma e as mudanças de crenças e posições são parte de uma história que pode ser reconstituída mostrando que estes são os elementos que compõem os ciclos da trajetória anisiana.

O exame da correspondência de Anísio o confirma como sujeito que produz discursos, que se engaja, que professa suas convicções e que elabora planos de ação e projetos de sociedade, e também o mostra como homem a ruminar o que sente, a avaliar seus atos, a opinar particularmente sobre os adversários, a ir assumindo e confirmando a sua identidade de educador e, sobretudo, como pessoa, no campo particular, por detrás da figura do intelectual e administrador da esfera pública. Na condição de homem comum, Anísio Teixeira é aquele que comunica aos amigos suas alegrias, suas expectativas, os fatos da vida familiar e cotidiana,

que os apoia e os felicita, que conta seus temores e tristezas. Já aquele da vida pública trata dos fatos do seu trabalho na administração pública da educação, das questões pungentes avivadas no embate entre católicos e escolanovistas, das suas idéias educacionais, das traduções, enfim, dos acontecimentos e problemas da sua vida no coletivo. Entretanto, não se pode separar o homem singular do educador de vida pública. Ainda que sejam duas dimensões possíveis de serem lidas nas suas cartas, não há cisão entre o homem e o educador. Há, sim, à mostra faces da identidade do sujeito Anísio Teixeira sem deixarem de estar visceralmente entrelaçadas.

Analisar a situação de Anísio durante os dez anos de vida pública é importante por mostrar que certos traços fundamentais, presentes em boa parte de sua trajetória, estiveram em suspenso, mas não desapareceram. Sua fundamentação na filosofia de Dewey e a sua condição de intelectual engajado permaneceram silenciadas no exílio. As bases de seu pensamento educacional estão alicerçadas nas idéias deweyanas e o seu envolvimento com as causas educacionais nacionais o fez engajar-se enquanto homem de pensamento e ação nessa causa. O período de isolamento mostra justamente o contrário disso. No entanto, é um período importante por indicar que o seu envolvimento com a obra deweyana é duradouro e, desde o começo da década de 1930, estava em formação o intelectual da educação.

NOTAS

¹ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

² CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

³ BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

⁴ CUNHA, Marcus Vinícius da. John Dewey: a outra face da Escola Nova no Brasil. In: GHIRALDELLI JR., Paulo. *O que é Filosofia da Educação?* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁵ PAGNI, Pedro Ângelo. *Do "Manifesto de 1932" à construção de um saber pedagógico – Ensaio um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí (SC): Ed. da UNIJUÍ, 2000.

⁶ TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

⁷ NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

⁸ TEIXEIRA, Anísio. p. 35.

⁹ GERIBELLO, Wanda Pompeu. *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas, 1977; BARREIRA, Luiz Carlos. *O dependentismo e o desenvolvimentismo na reflexão de Anísio Teixeira sobre educação escolar*. São Paulo, 1989, 200p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

¹⁰ NUNES, Clarice. Op. cit.

-
- ¹¹ Idem.
- ¹² GANDINI, Raquel P. C. *Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira* (1930-1935). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- ¹³ GERIBELLO, Wanda Pompeu. *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas, 1977.
- ¹⁴ PAGNI, Pedro Ângelo. Op. cit.
- ¹⁵ CUNHA, Marcus Vinícius da. Três versões do pragmatismo deweyano no Brasil dos anos cinquenta. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 39-55, jul./dez. 1999.
- ¹⁶ MEURER, Balduino. *Bases filosóficas nas obras educacionais de Anísio Teixeira*. Bauru: FACIL/SCJ, 1977; NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.
- ¹⁷ PAGNI, Pedro Ângelo. Op. cit.
- ¹⁸ Neste artigo estaremos trabalhando com a correspondência de Anísio Teixeira já organizada em publicações. No presente caso nos valem das seguintes obras: VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.
- ¹⁹ NUNES, Clarice. Op. cit.
- ²⁰ TEIXEIRA, Anísio apud VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 132.
- ²¹ NUNES, Clarice. p, 30.
- ²² TEIXEIRA, Anísio apud VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência entre escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 77.
- ²³ NUNES, Clarice. Op. cit.
- ²⁴ TEIXEIRA, Anísio apud VIDAL, Diana, p. 35.
- ²⁵ NUNES, Clarece. Op. cit.
- ²⁶ TEIXEIRA, Anísio apud VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila, p. 78.
- ²⁷ Idem, p. 78/9.
- ²⁸ Idem, p. 79.
- ²⁹ Idem, p. 79.
- ³⁰ TEIXEIRA, Anísio apud VIDAL, Diana, p. 35.
- ³¹ GERIBELLO, Wanda Pompeu. op. cit.
- ³² VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência entre escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.
- ³³ GOMES, Angela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Bragança Paulista: Editora USF, 2000; BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e*

políticas. Rio de Janeiro: Editora FGV; Bragança Paulista: Editora USF, 2001a; BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001b.

³⁴ GERIBELLO, Wanda Pompeu. op. cit.

³⁵ Idem.

³⁶ TEIXEIRA, Anísio apud VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila, p. 83.

³⁷ TEIXEIRA, Anísio. *A educação e a crise brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1956.

³⁸ Idem, p. XIII.

³⁹ TEIXEIRA, Anísio apud VIDAL, Diana, p. 39.

⁴⁰ Idem, p. 52.

⁴¹ GERIBELLO, Wanda Pompeu. op. cit.

⁴² TEIXEIRA, Anísio apud VIDAL, Diana, p. 54.

⁴³ VIDAL, Diana Gonçalves. op. cit.

⁴⁴ TEIXEIRA, Anísio apud VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila, p. 94.

⁴⁵ TEIXEIRA, Anísio. Op. cit.